

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, JORNALISMO E SERVIÇO SOCIAL  
CURSO DE JORNALISMO

WILLIAM DAVID VIEIRA

**DOIS CAFÉS PRA SOLIDÃO**

Produto Literário

Mariana

2017

WILLIAM DAVID VIEIRA

## **DOIS CAFÉS PRA SOLIDÃO**

Memorial descritivo de produto literário apresentado ao curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Cláudio Rodrigues  
Coração

Mariana

2017

Catálogo na fonte: Bibliotecário: Essevalter de Sousa - CRB6a. - 1407 - essevalter@sisbin.ufop.br

V658d Vieira, William David  
Dois Cafés pra Solidão [recurso eletrônico] / William  
David Vieira.-Mariana, MG, 2017.  
1 CD-ROM; (4 3/4 pol.)+ 1 monografia (119 f.).

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade  
Federal de Ouro Preto, Instituto de Ciências Sociais  
Aplicadas, Departamento de Ciências Sociais, Jornalismo  
e Serviço Social, DECSO/ICSA/UFOP

1. Literatura brasileira - Ficção - Teses. 2. MEM.  
3. Ficção brasileira - Teses. 4. Monografia. 5. Jornalistas  
- Teses. 6. Pessoas - Teses. 7. Homossexualidade -  
Teses. I.Coração, Cláudio Rodrigues. II.Universidade  
Federal de Ouro Preto - Instituto de Ciências Sociais  
Aplicadas - Departamento de Ciências Sociais, Jornalismo  
e Serviço Social. III.Versão impressa. IV. Título.

CDU: Ed. 2007 -- 821.134.3(81)  
: 15  
: 1417546

William David Vieira

Curso de Jornalismo – UFOP

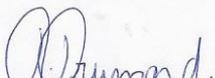
DOIS CAFÉS PRA SOLIDÃO

Trabalho apresentado ao Curso de Jornalismo do Instituto de Ciências Sociais e Aplicadas (ICSA) da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo, sob orientação do Prof. Dr. Cláudio Rodrigues Coração.

Banca Examinadora:

  
Prof. Dr. Cláudio Rodrigues Coração

  
Prof. Dr. Frederico de Mello Brandão Tavares

  
Prof. Me. Rafael Drumond

Mariana, 30 de março de 2017.

## **AGRADECIMENTOS**

Mais do que um desejo pessoal ou um sonho, este trabalho é resultado do crédito e incentivo que recebi durante minha caminhada, sobretudo na graduação. Por isso, faço questão de agradecer aqueles que estiveram comigo, direta ou indiretamente. Gostaria de citar o nome de todos, mas tenho medo de me esquecer de alguém e magoar mais a mim que os supostamente "esquecidos". Foram inúmeras experiências e carrego a essência de cada uma entranhada em mim, escondida em algum canto aqui dentro e pronta para ser lembrada quando, um dia, de alguma forma, eu acionar uma das chaves da saudade. Ademais, palavras escapam e não são capazes de representar o sentimento que de fato toma conta de mim agora, ao escrever estas palavras, e que mantenho por todos aqueles que me querem por perto e acreditam no meu trabalho.

"Escrever é procurar entender, é procurar reproduzir o irreproduzível, é sentir até o último fim o sentimento que permaneceria apenas vago e sufocador."

*Clarice Lispector*

## RESUMO

Este trabalho tem como proposta a realização do livro "Dois Cafés pra Solidão". O produto mostra o processo criativo referente à história do jornalista Lúcio, que se vê envolvido em conflitos com profissão, família e sexualidade. O romance foi produzido por meio de observações do autor acerca de questões concernentes aos três conflitos supracitados. No produto final, verifica-se que o enredo do livro fomenta discussões que dizem respeito ao ser jornalista e ao fazer jornalístico, à sexualidade e ao posicionamento do indivíduo no mundo com base em sua construção e em seu relacionamento com o outro.

**Palavras-chave:** romance; jornalista; indivíduo; sexualidade.

## ABSTRACT

This project proposes to write the book "Dois Cafés pra Solidão". The product shows the creative process concerning journalist Lúcio's story, who is involved in conflicts with profession, family and sexuality. The novel was produced through the author's observations on issues related to the above-mentioned three conflicts. In the final product, it turns out that the book's plot fosters discussions that relate to be journalist and do journalism, sexuality and the individual's positioning in the world based on their construction and their relationship with each other.

**Keywords:** novel; journalist; individual; sexuality.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	09
<b>1 PRODUTO LITERÁRIO: PROPOSTA E ORIGEM</b> .....	10
1.1 Escrita e romance .....	11
<b>2 ESTRUTURA DO PRODUTO</b> .....	13
2.1 Definição de personagens e funções .....	13
2.2 Capítulos .....	16
<b>3 CRIAÇÃO LITERÁRIA</b> .....	18
3.1 Composição técnica .....	19
3.2 Referenciais estéticos .....	20
3.3 Sexualidade nos personagens .....	22
3.4 Fluxo de consciência .....	24
3.5 Recursos de linguagem .....	25
<b>4 PLANO DE TRABALHO</b> .....	28
4.1 Pesquisa, histórico e escrita .....	28
4.2 Memorial descritivo .....	29
4.3 Diagramação e editoração .....	29
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	31
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	34

## INTRODUÇÃO

*Dois Cafés pra Solidão* é um romance produzido como trabalho de conclusão de curso de graduação em jornalismo. O livro conta a história de Lúcio, um jornalista de quarenta anos que passa por um momento conturbado, enfrentando conflitos relacionados à família, a seu existir no mundo, perpassando pela questão da sexualidade e por conflitos relacionados à profissão. O personagem busca dar um salto na carreira com uma boa história e vê em Yago, um garoto de programa que Lúcio conhece numa noite, a possibilidade de conquistar o que deseja. A partir daí, surgem ganchos para discussões propostas pelo trabalho, discussões estas que se revelam ao leitor no decorrer do livro e que serão, aqui, abordadas.

Este memorial descritivo contém material de ordens explicativa e justificativa. Além de funcionar como um adendo técnico ao romance, propõe-se aqui discutir questões fomentadas no produto final – como a manifestação de certa identidade e ética jornalística e a relação com a fonte, como a sexualidade, o existencialismo – e tópicos outros que, porventura, do livro emanarem. Com relação à justificativa, são apresentadas tomadas de posição envolvendo assuntos mencionados anteriormente e a escolha por um produto literário na forma de romance.

Faz-se importante destacar que o trabalho salienta temáticas e discussões frutos da observação do autor referente ao curso de graduação em jornalismo, a práticas executadas no fazer da profissão (sem abordagem de caráter meritório, algo que fica por conta do leitor) e a assuntos colocados em xeque nos dias atuais, como as questões de gênero e preconceito. Embora não esteja descolado do real, *Dois Cafés pra Solidão* não tem compromisso de retratar fielmente a realidade e, além disso, fica condicionado a estruturas aqui limítrofes, como tempo de produção, análise e experiência.

## 1 PRODUTO LITERÁRIO

Decidir fazer, como trabalho de conclusão de curso de jornalismo, um produto que se encaixa por cânones como "literário" é, mais que uma "autoafrota", um desafio. É fato que literatura e comunicação estão sempre a interagir entre si, uma pela outra, e podem muito bem caminhar juntas, mas a escolha obrigatória por uma, como houve neste caso (diferentemente do que haveria em uma junção), poderia significar o detrimento de outra. Fiz questão de acordar comigo que a comunicação não estaria preterida, daí minha preocupação em justificar a existência e persistência de um produto literário em substituição a uma monografia, documentário ou outro produto consagrado como "jornalístico" ou do campo da "comunicação".

Ao ler Lukács (2009) e Sartre (2004), encontrei aspectos que se familiarizavam com com minha proposta inicial, isto é, um produto devidamente literário, mas que não abandonasse a comunicação e, mais especificamente, o próprio jornalismo. Percebi que os campos estão inseridos um no outro e que a simples e pura denominação para apenas tachar áreas de conhecimento são, por vezes, apenas necessidades do ser humano de se situar no mundo em que se insere. Não desmereço aqui esforços de profissionais em suas áreas de especialidade ou coisas afins, apenas digo que o conhecimento deve estar sempre em prol do próprio conhecimento e de quem o busca e produz: o ser humano. Entretanto, os autores por mim buscados e convocados anteriormente apresentavam caminhos para minha necessidade, mas não a solução.

Ao falar sobre o romance, e destaco por minha conta os romances ditos pós-modernos, os teóricos destacam algo que se repete com força: o romance habita com força um entre-lugar, penetrando o "real" (em suas várias definições e usos) ao imaginário dos leitores, do autor ao leitor e passando pelo próprio objeto. Percebi como semelhança ainda o fato de que, na literatura em que se faz uso excessivo de tramas intimistas ou psicológicas (Ver seção 3.1), tendo como elemento importante o fluxo de consciência (Ver seção 3.4), o monólogo interior, o objeto se afirma como uma metalinguagem, podendo levar a recursos como a autobiografia e seus debates posteriores. Levanto tais proposições porque, a partir delas, eu poderia embasar minha

justificativa para a escolha de um produto literário ou o conflito por mim vivenciado entre comunicação e literatura. Entretanto, tais argumentos se esvaziavam ou se tornavam genéricos à medida que o trabalho se aprofundava em assuntos próprios e colocados de maneira tal como foram postos no livro. Além disso, a especificidade do trabalho — não se trata de autoafirmação, mas necessidade de compreender os gargalos encontrados e vividos — requeria argumentos e defesas que fizessem jus a seus percalços.

Ao longo do caminho, percebi que muitas coisas não possuíam resposta. Este trabalho não se trata de uma fuga do curso em andamento, nem de um ranço. Fica em evidência — e de forma sadia — o tensionamento entre campos do saber e sua comunhão. Se existisse aversão em qualquer forma, eu, como autor do trabalho e detentor de uma liberdade de criação, optaria por outro protagonista (Ver seção 2.1) e outras ambientações físicas e psicológicas (Ver seção 3.1). Existe, em *Dois Cafés pra Solidão*, e na produção deste memorial descritivo, um aluno em raciocínio ativo e perene sobre a bagagem acumulada e o será dele a partir de agora, com o encerramento desta etapa e a automática ou esperada necessidade do "colocar em prática de alguma forma". Há um sujeito pensante em reflexão sobre três anos e meio debruçado em uma seara transdisciplinar e "multifacetária", lançando-se na empreitada de suscitar a outrem, por meio da escrita e do gênero romance, discussões acerca de temáticas que possuem valor e correspondência universais (como jornalismo, sexualidade, prostituição etc.).

## 1.1 Escrita e romance

Seja com Janet Malcolm, em "A Mulher Calada", ao trazer a escrita como o desejo ou a vontade de algo, seja em Clarice Lispector, em "A Descoberta do Mundo", ao classificar e configurar o ato de escrever como alternativa de sobrevivência apesar de qualquer interferência — como o paradoxo citado pela autora: "reproduzir o irreproduzível" —, a escrita possui definições, importância e preços a pagar. Escrever, especialmente literatura ficcional ou campos que com ela conversam, é uma

possibilidade de explorar a multiplicidade da existência humana e de seus lugares e formas de habitar o mundo. *Dois Cafés pra Solidão* imerge na tentativa de ressaltar tais aspectos por meio da relação entre os personagens principais e de reafirmar espaços da literatura e do romance dentro de outras áreas — no caso, a comunicação e o jornalismo.

Neste trabalho de conclusão de curso, imbuído de minhas observações e inquietações a ela circunscritas, retratados pela época e pela proposta de enredo, é na escrita que as vozes e toda a proposta se materializam. A escrita como elemento de criação possui sua forma de identificação e localização no mundo. Não posso me esquivar de convocar Sartre (2004), que, ao responder a pergunta “Por que escrever?”, atribui à criação artística a necessidade de nos sentirmos essenciais em relação ao mundo. Ao organizar as palavras em uma folha branca de papel e dar-lhes sentido, o autor já se coloca em posição de poder sentir-se essencial à sua criação (SARTRE, 2004, p.34).

A escrita faz parte da literatura e incentiva quem a produz e quem dela se serve a divagar entre mundos, apresentando uma pluralidade de comportamentos e possibilidades. Está assim se propondo que a arte, aqui representada na escrita do romance, e a literatura como gênero apropriado garantem uma conjuntura de ser e existir do produto apresentado e fornecem possibilidades distintas de percepção, trabalho e entendimento dos temas abordados.

Ao longo do curso de jornalismo, percebi o valor da escrita e como poderia trabalhá-la a meu favor para dizer sobre mim ao mundo, sobre o mundo a mim e sobre o mundo ao mundo. O romance é uma roupagem escolhida para exibir o sortilégio daquilo que me apreendeu de alguma forma, benéfica ou não. A escolha se traduz na premissa de "reproduzir o irreproduzível", de ser e comportar-se como o desejo ou a vontade de algo.

## **2 ESTRUTURA DO PRODUTO**

O romance é aberto com prólogo e, por conseguinte, fechado com epílogo, que conversam entre si. A existência dos dois se faz necessária para que o leitor seja encaminhado, a princípio, a certas discussões. Entretanto, a apreensão por parte do leitor não se torna unicamente condicionada, haja vista o recurso do prólogo diluir-se ao longo da obra e o epílogo provocar o surgimento de alternativas de (des)continuidade de caráter de mais de um personagem.

Entre o processo de abertura e fechado, faz-se uso da já convencional estrutura capitular, dividida entre dois narradores e disposta de maneira a promover a sequencialidade da história. O livro está dividido em duas fases (Ver seção 2.2), com capítulos agrupados de modo a corresponder com cada uma e atendendo ao que se propunha para cada personagem, discussão e seus efeitos.

### **2.1 Definição de personagens e funções**

Partindo do protagonista, principal definição de personagem para o livro, a primeira questão gerada pode se dar exatamente em torno da escolha deste personagem. Minha opção por um jornalista no papel principal da história se deveu ao fato de tentar esclarecer mais os pontos acerca do jornalista e do jornalismo que tomavam conta das minhas observações e inquietações. Um médico, professor ou qualquer outro personagem poderia responsabilizar-se por encaminhar as discussões a respeito de profissão se a discussão proposta no livro fosse apenas esta. Minhas indagações diziam respeito ao jornalista, a sua maneira de agir com o jornalismo e ao próprio jornalismo.

Pedir ao escritor para despir-se de seus valores pode ocorrer assim como ao jornalista na produção de uma reportagem, mas pedir a ele que abandone suas interferências é como pedir a um jornalista que seja imparcial. Uma simples escolha de palavra em detrimento de outra já representa uma parcela de interferência e não configura mais imparcialidade. Seres humanos estão impregnados de interferência e espalham sua interferência pelo mundo a todo tempo em suas relações cotidianas.

Havia dentro disso o interesse de dar voz a um jornalista e me ater ao "real" sem me apegar necessariamente à realidade ou a algo que precisasse assumir um caráter verdadeiro, exato, mas que, ao mesmo tempo, fosse verídico. Por esse motivo, também, optei ainda pela escolha de um jornalista para protagonizar o enredo e por isso ele aparece em destaque ao outro personagem que, por muitos leitores, pode ser encarado como protagonista de certa forma. Entretanto, veremos que Yago (o garoto de programa) é secundário, mas aparece para complementar determinadas discussões que me propus a fazer, como o que está relacionado no livro a profissão e sexualidade.

Atrelada a isso está a necessidade de resposta do próprio autor, a necessidade de lançar entendimento a algo que talvez não seja entendível em dados momentos ou seja peculiar de certa forma e mereça ou tenha merecido minha atenção durante a fase da vida em que me detive nos escritos de *Dois Cafés pra Solidão* e durante a "ruminação" daquilo que me cercou e foi levado ao livro sob alguma roupagem. Pode-se relacionar a isto o que propõem Clarice Lispector e Janet Malcolm (Ver seção 1.1) ao abordarem a escrita como atividade essencial a quem a executa.

Desse modo, a facilidade para explicitar o conteúdo que recheia o romance repercutiu não só na escolha do jornalista, mas exerceu influência ainda ao determinar os outros personagens. Cada qual, com suas condições psicológicas, está selecionado e disposto de forma a encaminhar a missão estabelecida para cada um na sequencialidade da história e na apresentação daquilo que se me mostrou caro de alguma forma e digno de atenção e espaço dentro de uma estrutura chamada livro e, mais especialmente, romance. Para tal, foi de suma importância fazer a escolha prévia dos personagens e arquitetar como cada um agiria e em que momento da trama, com quais ações e comportamentos (o que reconduz ao psicológico). Com isso, seguem os personagens da história, com suas respectivas funções a serem executadas.

### ➤ **Personagens principais**

- Lúcio

O jornalista, narrador-personagem, em torno de quem gira a trama. É responsável por guiar maior parte do enredo. Desse modo, apresenta quase a totalidade

dos conflitos e impressões a seus olhos, deixando a cargo do leitor a apreensão do que foi passado, seja em acordo ou desacordo.

- Yago/Thomaz

Garoto de programa por quem Lúcio se apaixona. Divide a narração com Lúcio, assumindo o controle da história em alguns capítulos com o intuito de se apresentar ao leitor a seus próprios olhos, sem a interferência de Lúcio. Prefere trabalhar na rua (Ver seção 4.1), assim como os outros garotos com quem Lúcio se encontra.

➤ **Personagens secundários**

- Família de Lúcio

Composta pelos pais e pela irmã. São apresentados sem nome porque, para o protagonista, sequer há diferença em mencioná-los sendo que ele não se identifica com a família. São responsáveis por encaminhar o drama familiar trabalhado na história e representam a classe média mineira e a brasileira de forma geral, condição vivida por Lúcio e que lhe desperta aversão.

- Fábio

É o editor-chefe do jornal em que Lúcio trabalha. Sua presença, sempre aos olhos do protagonista, com exceção do epílogo, encarna os medos do personagem e representa parte das decepções de Lúcio. É, por um lado, o estereótipo de editor-chefe, sempre a pressionar o jornalista para conseguir o que quer; por outro lado, é a alegoria da mídia hegemônica brasileira devido a seus princípios e sua atuação à frente do jornal. O "vírus jornalístico", por exemplo, citado no capítulo *Jornal*, refere-se às práticas da mídia hegemônica.

- Travesti

Aparece duas vezes na história, em momentos específicos e com falas precisas. Sempre tratada por Lúcio com pronomes masculinos. Aponta para discussões de gênero e preconceito dentro de seu relacionamento com o protagonista na história, destacando,

nos dois momentos em que aparece, a situação atual do caráter do protagonista.

Há outras presenças no livro e, muitas delas, com nomes atribuídos. Tais aparecimentos não se configuram como personagens, ainda que tenham uma fala ou outra. São responsáveis por momentos pontuais e, como função, dizem do momento e condição em que estão inseridos.

## 2.2 Capítulos

O livro possui 25 capítulos (mais prólogo e epílogo), apresentados no produto final apenas com suas respectivas denominações. Conforme dito no início deste capítulo do memorial, a divisão dos capítulos do romance se dá em duas fases, não mencionadas para o leitor, mas perceptíveis por conta da cisão, sem significar, entretanto, quebra no andamento da história. As fases demonstram, porém, agilidades distintas, também passíveis de entendimento aos olhos do leitor.

Agrupados de modo a corresponder com cada uma das fases e atendendo ao que se propunha para cada personagem, discussão e seus efeitos, os capítulos se dispõem dentro das duas fases da seguinte forma:

### ➤ Primeira fase

- Composição

Prólogo, mais capítulos de 1 a 12. São eles, respectivamente: Noite, Sonhos, Graça, Irreversível, Saturado, Jornal, Tradição, Solidão, Cafês, Borboleta, Nós, Essência. Abre-se esta fase na escuridão (capítulo *Noite*) e se fecha com *Essência*, na tentativa de colocar cada personagem em "seu lugar", como se discute no próprio texto.

- Conteúdo

Personagens em princípio de contato a contatos de maior intimidade e encaminhamento para o clímax (Ver seção 3.1). Menor agilidade. Período mais suave ou moroso da trama.

➤ **Segunda fase**

● Composição

Capítulos de 13 a 25, sendo, respectivamente: Intruso, Acalanto, Escansão, Cruel, Efemérides, Relance, Obsessão, Perfil, Explosão, Partida, Blue, Ferido, Ocaso. Fechamento com epílogo.

● Conteúdo

Personagens em continuidade de relacionamento. Surgimento de conflito, clímax e apresentação de "desfecho" (Ver seção 3.1). Mais capítulos que a fase anterior e maiores agilidade e agressividade (de escrita e acontecimentos). O começo desta fase com o capítulo *Intruso* é proposital e marca a entrada do personagem Yago (seu lugar — discussão de fechamento da primeira parte), que narra alguns capítulos à frente. O fechamento, *Ocaso*, é o retorno para escuridão, modo como o livro foi aberto.

Cada capítulo possui um nome abstrato, deixando a cargo do leitor a apropriação de seu interesse sobre "a que se refere este título neste capítulo?". Determinados capítulos possuem tamanho maior que outros por necessidades específicas da trama e passíveis de verificação durante a leitura; e, para facilitar a leitura, usa-se recurso de separação intracapitular.

### 3 CRIAÇÃO LITERÁRIA

A literatura, sobretudo a considerada aqui como "aberta", permite ao leitor ou àquela que dela se apropria de alguma forma a possibilidade de encaixá-la em seu mundo (ou de se encaixar em seu mundo ou, ainda, de criar um novo mundo) e de enxergar e vivenciar esse mundo representado (ou gerado) de inúmeras formas. A abstração promovida por uma obra que se permite abrir ao leitor e que o convida a embeber-se dela sob a maneira que melhor apetece a esse sujeito ou a simplesmente execrá-la é capaz de gerar produções de sentido e reações diversas, tal como a própria execução.

De modo mais preciso, a literatura aberta é a que deixa o leitor penetrá-la de alguma forma. Não me refiro a um simples final sem desfecho, nem a uma história passível de inúmeras interpretações, mas a uma literatura que possa conversar com diversos leitores por mais de um jeito e por meio de diversas linguagens, que fale de seu tempo e se insira nele, que mostre mundos de experiência e deixe lacunas para receber outras em cada leitura singular, deixando, também, cada leitor se posicionar à sua maneira. Desafiei-me a fazer isso durante a produção e, para tal, precisei fazer com que a obra transcorresse por caminhos plurais. Como aponta Sartre (2004), o objeto criado escapa às mãos de seu criador nesse sentido, já que o objeto parece estar sempre em suspenso, aguardando uma nova mudança a cada momento. E essa mudança foi minha preocupação. Queria que viesse a partir de cada leitor que a lesse, que cada um pudesse apresentar uma reação diferente a ela, do amor ao ódio.

Para tal, tomei como condição (e até metodologia, em certo ponto), para o desenvolvimento do meu trabalho, que a criação literária trafegasse por espaços distintos, sendo híbrida, transdisciplinar, *multicomportamental*. A isso também se atribui a facilidade de apreensão de um produto literário, no que concerne ao vocabulário utilizado — no caso específico de *Dois Cafés pra Solidão* — e à estética empregada, ambos os recursos relacionados ao processo de criação do romance e da criação literária em si (estética, em sua maioria), que serão trabalhados a seguir.

### 3.1 Composição técnica

Os aspectos de ordem técnica que desenvolvo aqui concernem à estruturação do romance em sua composição literária. Todos os cenários apresentados abaixo foram pensados para que a trama pudesse, mais uma vez, encaminhar-se ao proposto inicialmente.

#### ➤ Enredo

Marcado pela relação de interesse entre o jornalista Lúcio, a princípio com seu desejo de escrever um perfil jornalístico e salvar a carreira, e o garoto de programa Yago, que ora apresenta desejos específicos, ora manifesta estar satisfeito com o que possui.

#### ➤ Tempo

Ano de 2016, identificável ao leitor por um painel descrito no capítulo *Relance* e pelo *impeachment*, trazido nos capítulos *Relance* e *Jornal. Flashbacks* também compõem o livro.

#### ➤ Espaço

Cidade de Belo Horizonte, identificável pelo uso do nome e pelo narrador-personagem ao explicitar a cidade em seus monólogos e suas conversas.

#### ➤ Ambientação física (cenário)

Casa de Lúcio (com destaque para a varanda e para a sala), rua, motel, apartamento de Yago, o café e a redação do jornal são os principais cenários por onde transcorre a história.

#### ➤ Ambientação psicológica

Próprio dos romances de caráter mais intimista, os romances psicológicos, o ambiente soturno apresentado no livro mostra embasamento no existencialismo. Há

frases e desejos niilistas, presença do sombrio (destaque para a morte) como pano de fundo, endeusamento e derrubada da depressão. Tais elementos aparecem em locais como o café, a redação do jornal (local que penetrou na memória do narrador-personagem e ambiente a que ele se recusa a ir), o motel, a rua (por vezes tida como salvação, o que coloca em evidência a dualidade citada no caso da depressão) e a casa de Lúcio (cuja varanda se apresenta como a parte pelo todo: lugar motivo de assunto para a mãe e as amigas, para o horror de Lúcio à classe média e para a "salvação"). A ambientação psicológica também é apática no tocante a acontecimentos, como o *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff e o conflito com a classe média, abordados metaforicamente no capítulo *Relance*, e nos sonhos de Lúcio, que desembocam no editor-chefe.

➤ Conflito

Falta de sintonia entre os personagens e excesso de sintonia, por vezes. O conflito é gerado pelas concepções discrepantes de liberdade e felicidade entre os protagonistas. A partir daí, novos conflitos surgem, como a obsessão e os interesses em seguir a vida de certo modo ou de outro.

➤ Clímax

O livro se mantém no clímax durante um período, que se estende por capítulos. O clímax tem início no capítulo *Perfil*, com a briga entre Lúcio e Yago, e se estende até o capítulo seguinte, *Explosão*, com a ida de Yago ao café.

➤ "Desfecho"

Os momentos finais percorrem o último capítulo e se estendem até o epílogo (não explicitados aqui por motivos de *spoiler*). "Desfecho" é utilizado entre aspas porque pode não haver, aos olhos de alguns leitores, o desenrolar do novo.

### 3.2 Referenciais estéticos

Ainda pensando na questão da literatura como campo aberto e na preocupação com sua hibridez ou transdisciplinaridade, é preciso ressaltar os elementos que serviram como base referencial estética. Tais objetos não foram empregados apenas por esta motivação, mas por serem responsáveis, também, pela contaminação das minhas observações, impressas no livro.

Os referenciais que contribuíram, sobretudo, para a construção da ambientação psicológica e do psicológico dos personagens compõem a literatura e a música. São eles:

➤ Literatura

Ao longo da graduação, acumulei leituras de Caio Fernando Abreu, Clarice Lispector e Paulo Mendes Campos. Embora presentes em épocas "datadas", de certa forma, os três contribuíram para que eu refletisse sobre o dilema "ser jornalista *versus* ser escritor", já que os três vivenciaram esse tipo de conflito ou passaram por situações similares. Também me debrucei sobre a escrita sensível dos três e sobre o ambiente por vezes homofóbico de acontecimentos tidos como "vexaminosos" em obras de Caio Fernando Abreu, nas quais se verificam pinceladas de exaltação ao sofrimento, provocado pela opressão (principalmente no caso da sexualidade, com o amor platônico) e pela solidão.

Hilda Hilst me incentivou a pensar na questão da sexualidade, mas por outro ângulo. Escritora de destaque por conta de sua trilogia erótica (com obra evocada no livro em forma de citações e intertextualidades), o personagem Yago foi construído, entre outros subsídios, com um ou outro membro dos personagens de "Cartas de Um Sedutor".

Jean-Paul Sartre, com *A Náusea*, fez com que eu entendesse melhor o existencialismo e pudesse problematizar de maneira mais explícita o relacionamento entre os seres humanos, cada qual em sua realidade histórica, e pudesse, ainda, perceber essas realidades em tempos distintos, como cada uma se manifesta e estabelece ligações de interdependência com as outras.

### ➤ Música

Destaco Lana Del Rey, com suas baladas tristes e mórbidas de homens em terno e *Art déco*, um Pop melancólico de *pin-up-girls* depressivas e a reminiscência do vintage. Esse quadro "retrô na veia" (fim dos anos 1940 a fins dos anos 1960 e rápidas lembranças dos 1930) contribuiu para a construção de uma ambientação *indie*. *Dois Cafés pra Solidão* recorre a elementos da cultura ao, por exemplo, afogar-se no preto e branco e utilizar em excesso a meia-luz (sem que isso precise estar sempre descrito para o leitor).

Vale destacar a popularização do *indie* e suas vastas apreensões, sua mescla com elementos dos dias atuais e a relação conflituosa com o *hipster*, algo que se pode verificar no livro na descrição e rejeição a coisas, objetos e cenários. Exemplos: a descrição da suíte do motel e a "timidez" ou insociabilidade de Lúcio, ambos retratados no capítulo *Noite*, e na descrição de aparatos tecnológicos e do prédio de Yago, ambos no capítulo *Nós*.

Há recorrências em intertextualidade de letras musicais e lembranças de alguns nomes dos anos 1980 e 1990 do Rock e Pop/Rock brasileiros, como Legião Urbana, Cazuza e Cássia Eller (capítulo *Efemérides*). Há ainda a presença de Caetano Veloso, com citação de música do cantor em trabalho para um programa infantil de televisão (capítulo *Acalanto*).

### 3.3 Sexualidade nos personagens

Enquanto Lúcio encaminha discussões sobre profissão e sexualidade, Yago traz em seus discursos, seus atos e nos momentos de interação com Lúcio, uma discussão sobre sexualidade e liberdade, bem como proposições acerca de aceitação. A sexualidade (com exceção das vezes em que Yago se detém sobre ela), a profissão de jornalista e os demais personagens são vistos sempre aos olhos de Lúcio, com exceção do personagem Yago, que também se mostra ao leitor, ainda que com parcimônia, já que isso é de sua própria natureza. Ele é um personagem mais reservado e sua vida é um segredo, um mistério. Ele apenas dá sinais de acontecimentos que viveu.

Lúcio se preocupa com a ideia da boa reportagem, mas a sexualidade o move e ele não reprime, mas também, não exhibe. Ao contrário de Yago, que, se se parecesse com um personagem de cinema, seria com James Dean (como ele mesmo se descreve), Lúcio, se se assemelhasse a um personagem do cinema, seria este o professor Gustav von Aschenbach, do filme *Morte em Veneza*. Lúcio sente prazer em saber que é detentor daquele sentimento de sexualidade. Nem sempre ele tem vontade de exprimir e gritar ao mundo. Só de ser possuidor do sentimento, ele já se sente feliz. É como o amor platônico representado no filme.

Torna-se evidente no livro o medo que Lúcio tem dos pais descobrirem sua homossexualidade, e o drama familiar percorre, portanto, a sexualidade, mas assume outras proporções, envolvendo a questão de ser uma família de classe média, do fato do pai trair a mãe, de como a mãe controla a vida do filho, e tudo isso causa impacto em Lúcio.

Por outro lado, Yago sente a necessidade de ser livre e acredita que precisa ser assim para ser feliz. Lúcio tem isso entranhado, mas de um jeito convencional (ligação sua com o mundo exterior que ele mesmo percebe, mas não consegue desfazer), de uma forma ditada pela sociedade, como emplacar uma boa reportagem e ter dinheiro e sucesso na carreira para ser feliz. Como dito anteriormente (Ver seção 3.1), há concepções discrepantes de liberdade e felicidade entre os personagens, o que move o conflito entre eles.

Durante construção do personagem Yago e de seu envolvimento com Lúcio, preocupei-me em não depreciar os garotos de programa e em construir, em dada medida, uma literatura de resistência, embora eu não tenha flertado diretamente com a militância ortodoxa (paradoxos e afrontas à parte), mas tenha feito minha própria militância. Parafrazeando a escritora e roteirista Tati Bernardi, a arte não pode ser cobrada por uma militância. A resistência existe, mas a alegria está em provocar porque fui e sou provocado, e isso não diminui a militância que existe no mundo, muito menos a ofende. Por outro lado, acrescento que a arte pode estar a serviço da militância, sobretudo quando a arte diz sobre seu tempo, algo com que também me preocupei, afinal, toda arte está inserida em um tempo e, mais precisamente, no seu tempo, seja

para falar dele, seja para fugir dele. A arte não pode, ainda, enfraquecer uma militância, haja vista que o primeiro crivo de alguém para qualquer obra de arte é "gosto ou não gosto", e os desmandos do ego não devem sobressair a lutas de causas de direitos humanos.

Diante desse impasse (diferentemente do atrito entre literatura e jornalismo/comunicação), optei por resolver com a defesa dos garotos de programa, feita pelo personagem Yago, que, a meu ver, tem seu local de fala garantido pelo papel que ocupa na trama. Considero *minha literatura*, e uso esse termo com toda a modéstia possível, uma literatura de resistência. As tomadas de posição que fiz acerca de sexualidade foram necessárias para que eu pudesse mostrar minha resistência a partir da escrita, com foco para a resistência à opressão. Minha preocupação em não propagar preconceito se tornou combate a eles quando algumas palavras ditas por Lúcio foram colocadas em itálico (Ver seção 3.5) para que eu, na qualidade de autor, pudesse chamar atenção do leitor para isso.

Também não se trata de uma escrita de vitimização. Yago, como garoto de programa, não foi posto no exato inverso do estereótipo para que se ouvisse a crítica: "os garotos de programa são sempre vistos dessa forma, então você os colocou na posição contrária para tentar legitimar a vitimização ou, no caso de Yago, legitimar a 'liberdade desmedida'". Como o personagem destacou, "todos somos heróis e vilões de nossas próprias vidas e ao mesmo tempo", e dessa forma os protagonistas foram retratados e exibidos.

### **3.4 Fluxo de consciência**

No romance que se configura com intimista, um dos recursos empregados em boa parte dos casos, sobretudo ao se fazer uso do narrador-personagem, é o fluxo de consciência. Em *Dois Cafés pra Solidão*, tal recurso foi empregado durante toda a obra, a fim de manter o leitor dentro do que pensam os protagonistas (narradores) do romance.

O fluxo de consciência diz respeito ao narrador em primeira pessoa que,

apresenta seus atos e visões de mundo ao leitor, no momento em que são feitos ou depois e num processo simultâneo de raciocínio sobre eles, promove uma espécie de julgamento e permite ao leitor compreendê-lo e também julgá-lo por meio desta ruminância ou avaliação de consciência. É como falar de si mesmo ao mundo com uma voz que surge no interior e, sem ecoar — mas ainda com filtros e afetações —, exhibe-se ao leitor em sua forma menos ou mais desnudada, a depender do narrador e do propósito.

O desejo de flertar sempre com o interior, assumido por esse tipo de narrador e romance, indica para o que Lukács propunha: "a psicologia do herói romanesco é o campo de ação do demoníaco" (LUKÁCS, 2009, p.92).

E esta psicologia do "herói" (nome dado por convenção) não se dá de outra forma senão pelo estranhamento gerado no conflito entre mundo exterior e mundo interior. Estranhamento dado então graças a experiências e que apresenta, nas mais variadas situações, diferentes reações e transformações no ser humano que experimenta tais estranhamentos, de alegria a tristeza, de júbilo a melancolia. E é neste ponto que Lukács toca ao dizer também que

A melancolia de ser adulto nasce da experiência conflitante de que a confiança absoluta e pueril na voz interior da vocação se rompe ou diminui, mas de que também é impossível extrair do mundo exterior, a cujo despotismo nos devotamos agora docilmente, uma voz que indique sem equívocos o caminho e determine os objetivos. (Ibid, p.87)

Comportando-se a melancolia — retratada no fluxo — como fator também determinante para a condução da trama (tomada de posição) em *Dois Cafés pra Solidão* e assumindo-se ainda que o fluxo de consciência chega a penetrar diálogos no livro, além de carregar capítulos inteiros, é necessário salientar que está neste recurso uma das bases de sustentação para o que propus ao trazer o romance psicológico — aqui existencialista — como trabalho de conclusão de curso e apresentá-lo da forma que o fiz, com enredo e personagens da forma como construí.

### 3.5 Recursos de linguagem

É imprescindível que qualquer tentativa no campo da escrita, qualquer que seja a literatura, busque demonstrar estilo em sua própria escrita, seja pela própria literatura com suas discussões, seja pela forma trabalhada na escrita.

Busquei cancelar um estilo ao valer-me, portanto e também, de recursos estilísticos de linguagem, sendo eles:

➤ Aspas

Todas as aspas empregadas no livro foram colocadas por um motivo. De modo geral: desencadear um chamamento maior do leitor ou do personagem que narra, reproduzir fala dita por outro personagem, espanto com expressão dita durante fluxo de consciência, pensamento que se sobrepõe a fluxo de consciência durante sua manifestação e o interrompe ou reforça, *flashback* (seja ele abordado no tempo passado, seja ele trazido para o tempo presente, o que se define pelo verbo declaratório que acompanha a citação ou pelo verbo dito anteriormente, em caso de citação sem verbo declaratório), destaque para o leitor, entre outras demandas.

➤ Pontuação e paragrafação

Não obedecendo necessariamente à gramática normativa da língua portuguesa, mas sim ao fluxo de consciência, a pontuação do livro acompanha o sujeito pensante; em geral, este sujeito é o narrador, mas pode ser outro personagem dentro de um diálogo, sem requerer fluxo de consciência, podendo tratar-se apenas de impressões pessoais dentro de uma conversa ou discussão. Assim como Valter Hugo Mãe ao dizer que ninguém pensa em letra maiúscula, mas em letra minúscula, digo que ninguém pensa com vírgulas, travessões e outros sinais gráficos de pontuação. Por esse motivo, por exemplo, vírgulas foram suprimidas e parágrafos foram emendados. No caso dos parágrafos, destaca-se ainda a necessidade de passar ao leitor que o fluxo de consciência ou fala dentro de um diálogo permanece contínuo, por isso aquele processo precisa demonstrar-se ininterrupto também no impresso.

➤ Itálico

Assim como no caso das aspas, escritos em itálicos foram utilizados para chamar atenção ou destacar algo que se quer negar, é difícil para se afirmar ou, ainda, dói ao ser ouvido como verdade ou mentira. Como dito anteriormente, o itálico foi usado também para a não propagação de preconceito durante falas de personagens, entrando o itálico a fim de chamar atenção dos leitores para pequenos erros, mas que dizem respeito à vida de pessoas diretamente atingidas (exemplo: Lúcio ao usar *o* travesti). Atribui-se ao itálico o uso de palavras estrangeiras, de acentuações trocadas (com o intuito de estimular nova tonicidade; exemplo: Lúcio ao dizer cli-en-*tis*), de gírias e palavras que por si, pretendem carregar novo sentido além do mostrado ou reforçar certos sentido e entonação.

## 4 PLANO DE TRABALHO

O projeto desenvolvido contou com um cronograma de tarefas que precisou ser seguido à risca para que a atividade funcionasse a contento. Listam-se, a partir daqui, cinco etapas de produção de todo o objeto acadêmico, sem atribuição rigorosa de data.

### 4.1 Pesquisa, histórico e escrita

O primeiro item desta seção refere-se ao prazo que tive para articular minhas pesquisas, o que se deu no primeiro mês do semestre 2016/1. Neste período, organizei leituras de aportes culturais (Ver seção 3.2) e me debrucei sobre elas. Também realizei leituras de caráter teórico, como Jean-Paul Sartre e Georg Lukács.

Durante a pesquisa, também organizei visitas a Belo Horizonte e colhi dados sobre pontos que seriam utilizados no livro, como o fato de haver poucos garotos de programa nas ruas da cidade. A maioria se encontra em sites e aplicativos ou em casas específicas para encontros. Ainda assim, decidi usar a rua (minha primeira opção de encontro dos personagens) por toda a metáfora que carregava para os dois protagonistas. Nessas visitas, também destaco a tentativa de maior compreensão dos ares provincianos de Belo Horizonte, como a classe média agia e reagia (sobretudo ao *impeachment*), os bairros e a zona boêmia, isto é, foco na percepção da cidade e fruições. Antes disso, foi no processo de pesquisa que a escolha pela capital mineira se firmou. A opção havia surgido na disciplina de *Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação* por conta do que a cidade grande (de ares provincianos) representava no quesito "ambientação psicológica".

No âmbito do histórico, destaco a reflexão sobre aquilo que acumulei, sobretudo, ao longo dos três anos de curso. As reflexões começaram ainda na disciplina de *Métodos*, durante a confecção do anteprojeto, e se intensificaram no primeiro semestre de 2016/1, durando até o fim da escrita do livro e do memorial.

A escrita do livro foi realizada por completo também no semestre de 2016/1. O romance foi apresentado na primeira banca de avaliação do trabalho de conclusão de

curso.

Assim como a parte "histórico", a parte de "pesquisa" também se manteve concomitante ao processo de escrita do livro.

#### **4.2 Memorial descritivo**

Parte integrante do trabalho, o desenvolvimento deste memorial se deu conjuntamente ao livro, no campo das ideias, e às demais etapas citadas acima. A escrita, posterior, configura-se como parte de rememoração do trabalho ou avaliação quando o livro se assentou, sem prejuízo de sentido ou informação por conta do tempo decorrido.

No início, pensei que seria difícil fazer uma reflexão sobre o próprio trabalho. Houve reflexão na escrita e revisão do livro, de uma forma "primária". Depois, ficou perceptível que o memorial já estava pronto, eu apenas precisava passá-lo para o papel, mesmo sabendo que seria um desafio por conta de uma tecla que me perseguiu durante a escrita do livro e também do memorial: o fato de as palavras escaparem e, por assim agirem, não serem capazes de captar a essência de um sentimento ou ato ou passarem com dificuldade o sentido que algo possui.

Além disso, vi-me em outro problema: como não fazer deste memorial um simples diário de bordo? Voltei-me, então, ao que foi posto no Capítulo 1: muitas coisas não possuem resposta e eu precisava apenas trabalhar o memorial de forma a ser justo com as especificidades do livro e meus apontamentos, que levaram à construção do romance.

#### **4.3 Diagramação e editoração**

Para a diagramação e produção das fotos do livro, busquei orientação externa e, como creditado no produto final, terceirizei a produção do livro. Entretanto, participei ativamente do processo de criação do design, das fotos utilizadas e da finalização.

Detalhes: formato de livro 14x21cm, orelha de 7,5x21cm, fontes Roboto, Vera

Type, Sears Tower, Goudy Old Style e Goudy Old Style ATT, fotos e cores em concordância com a proposta estética que o romance sugere, estruturação física e paragrafação nas páginas por questão de legibilidade.

O processo de editoração foi acertado com a gráfica Futura Express, localizada na cidade de Belo Horizonte. Houve dificuldade na concepção das medidas da lombada e na impressão das orelhas, problemas resolvidos com ajuda da gráfica.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não se pretendeu, aqui, trazer uma definição concreta ou abstrata do que é literatura ou abrir divagações sobre a existência da literatura no mundo. Fez-se importante, acima disso, destacar a apreensão feita de literatura neste trabalho de conclusão de curso, ressaltando de que modo a literatura se manifesta em *Dois Cafés pra Solidão* e o porquê da escolha pela literatura. Dito isso, aspecto essencial à parte técnica do livro e que não poderia deixar de ser ressaltado, é preciso assumir que um protocolo deve ser quebrado muitas vezes. Subverter o sistema faz parte da essência das coisas. Na seção 4.2, explicitarei minha preocupação em ver este memorial descritivo se tornar um simplório diário de bordo, mas não posso me esquecer de salientar que tal forma de apresentação é necessária e se faz presente, sobretudo, nestas palavras.

Depois da primeira banca deste trabalho, processo de avaliação realizado no semestre 2016/1, o professor Frederico Tavares e meu orientador, Cláudio Coração, fizeram-me enxergar que eu não defenderia meu trabalho por meio da teoria literária, tampouco por meio de uma discussão sobre identidade e ética jornalísticas. Era preciso deter-me sobre meu trabalho e promover uma reflexão sobre suas especificidades. Na seção 4.2, também revelei dificuldade em ter de promover essas reflexões, mas, com a realização deste memorial, sinto-me mais tranquilo para fazer certas afirmações sobre meu produto literário.

Sobre o assunto em destaque, a escolha por um produto literário pode significar uma tentativa de enxergar as coisas, porém não diretamente ou de modo menos dolorido. Transferindo inquietações minhas a personagens de um livro, eu talvez me esquivaria de falar diretamente sobre essas questões, o que não ocorreu. Talvez, por esse motivo, a dificuldade ou relutância em ter que rememorar os escritos e refletir sobre eles neste memorial. Remoer o assunto significaria lembrar o que me chamou atenção, tocou, doeu, preocupou, fez sorrir ou calar.

Também por esse motivo, talvez, muito se tenha falado até aqui sobre minhas "observações e inquietações" com o curso de jornalismo e os outros assuntos que permeiam o livro, mas pouco ou nada se tenha dito sobre elas. Deixei para abordá-las no

final, na tentativa de alinhar o que propus ao longo do trabalho e salientei nestes escritos.

O título *Dois Cafés Pra Solidão* usa uma palavra que me é muito cara em seu sentido de existir. Flertar com a solidão é uma dualidade sem fim, que vive vagando entre o bem e o mal. "A solidão é um luxo", escreveu Clarice Lispector em *Um Sopro de Vida*. Atrelar a solidão a escritores que dela se serviram foi fator condicionante de reflexão durante o caminho que percorri até aqui, sobretudo na confecção do livro. Na produção deste trabalho, especialmente, Sartre, o existencialista e o teórico, dois em um, foi um refúgio ou o peso final que faltava para afundar o navio.

Os cafés, por sua vez, dão vida aos sujeitos do livro, mas o termo "café" não escapa de relacionar-se às redações jornalísticas. Ter que deixar, em tese, a academia e partir para o mercado de trabalho, com todos os seus desvalores éticos impregnados e a existência de sujeitos que irão todo dia fazê-lo querer desistir ou juntar-se à maioria, ser mais um, fazer o que fazem por aí em cada jornalzinho aberto, assusta qualquer criança recém-formada. Sobrevivem os safardanas, os desonestos; são engolidos pelo sistema os mais fracos. O embuste do cidadão de bem, fantasia usada pelos traiçoeiros que reinam na mídia hegemônica, nos almoços fascistas em família aos domingos, no atual desgoverno federal e na *bem-sucedida* e entediante classe média, reina também nas academias.

Sou fruto de uma universidade e ela funciona como um mercado de trabalho, uma competição de egos (tal como as varandas e os prédios da classe média). Não posso mais numerar as vezes em que vi colegas escondendo editais de bolsa, arrancando chamadas de processos seletivos de murais, ou as vezes em que vi professores rejeitando alunos e trabalhos por puro (des)interesse ou puxa-saquismo, não qualidade acadêmica. Na contramão, as outras experiências que tive dentro da universidade pública, as quais me proporcionaram ser capaz de enxergar o meu mundo interior apesar do exterior, que me proporcionaram ver o real valor do ser humano, as tristezas da vida e como driblá-la, são memoráveis. Por isso, invisto na tentativa de enxergar que o mercado de trabalho convencional é infinitamente pior que uma universidade, lugar a que cogito me dedicar.

Deixo um parágrafo para falar especialmente da aceitação da homossexualidade. Tenho internalizado comigo que, sem a universidade e o curso de jornalismo especificamente, eu não teria avançado no que diz respeito a este assunto. Dessa forma, vejo este trabalho como um retorno. A mim mesmo, ao curso e à universidade. Se, em algum momento, *Dois Cafés pra Solidão* aparentou aprisionar alguém ou ovacionar uma dor que, assim como as outras, teve ascensão e declínio, deixo claro que minha intenção era apenas rasgar tais incômodos e provocar ou inquietar alguém além de mim. Ainda sobre o livro, arrisco a dizer, por fim, que Lana Del Rey fez de *Dois Cafés...* um pseudo-pornô *soft* em dados momentos. Se não fosse por isso, o enredo e suas descrições poderiam não ter sido tão pudicos e podados, mas sim, extasiantes, o que conduziria a discussão sobre sexualidade para outros rumos.

Para fechar, destaco ainda que qualquer profissão possui seus benefícios e seus insucessos, e a minha será sempre fruto do meu raciocínio crítico, assim como quem sou, o lugar que ocupo no mundo e minha relação com os demais.

**REFERÊNCIAS**

- ABREU, Caio Fernando. **Limite Branco**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.
- \_\_\_\_\_. **Morangos Mofados**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.
- \_\_\_\_\_. **Triângulo das Águas**. São Paulo: Siciliano, 1991.
- JOÃO ANTÔNIO. **Abraçado ao meu rancor**. São Paulo: Cosac & Naify, 2001.
- BOSI, Alfredo. **Narrativa e resistência**. In: Literatura e resistência. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- CAMPOS, Paulo Mendes. **O Amor Acaba**: crônicas líricas e existenciais. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura**: Uma Introdução. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- GOMES, Mayra Rodrigues. **Ética e Jornalismo**: uma cartografia dos valores. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.
- HILST, Hilda. **Cartas de um Sedutor**. São Paulo: Pauliceia, 1991.
- LISPECTOR, Clarice. **A Descoberta do Mundo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- LUKÁCS, Georg. **A Teoria do Romance**. São Paulo: Editora 34, 2009.
- MALCOLM, Janet. **A Mulher Calada**: Sylvia Plath, Ted Hughes e os limites da biografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- SARTRE, Jean-Paul. **A Náusea**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.
- \_\_\_\_\_. **Que é a literatura?**. São Paulo: Ática, 2004.